

RESENHA

A SÍNDROME DA RAINHA VERMELHA

ROLIM, Marcos. *A síndrome da Rainha Vermelha: policiamento e segurança pública no século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2006.

Wagner Coletti Duarte¹

RESUMO

A obra aborda as evidências mais recentes a respeito do crime e da violência, fazendo um paralelo ao debate acurado sobre as temáticas, e suas distorções diante das intenções políticas. O autor revela facetas surpreendentes quanto as causas desse fenômenos jurídico e social, chama a atenção às relações entre o crime e a juventude e a forma de como a mídia lida com esses fenômenos. Aprofunda na discussão de propor formas de recuperação de condenados por crime violentos e a possibilidade de Justiça de Restaurativa.

Palavras-chaves: *Crime e Violência – fenômenos jurídicos – Justiça Restaurativa.*

ABSTRACT

The work addresses the most recent evidence about the crime and violence, drawing a parallel to the detailed discussion of the issues, and its distortions in the face of political intentions. The author reveals surprising facets as the causes of this legal and social phenomena, draws attention to the relationship between the crime and the youth and the form of how the media handles these phenomena. Deepens the discussion to propose forms of recovery convicted of violent crime and the possibility of Restorative Justice.

Keywords: *Crime and Violence – legal phenomena – Restorative Justice.*

¹ Aluno Oficial do Curso de Formação de Oficiais da Academia de Polícia Militar Costa Verde – PMMT (APMCV).

Marcos Rolim é doutor e mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) com especialização em Segurança Pública pela Universidade de Oxford (UK) e graduação em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). É professor da Cátedra de Direitos Humanos no Centro Universitário Metodista-IPA e atua como consultor em Segurança Pública e Direitos Humanos. Atualmente, é também coordenador da Assessoria de Comunicação Social do Tribunal de Conta do Estado do RS (TCE-RS) e membro convidado da Comissão de Direitos Humanos da OAB/RS. Presta serviços para Prefeituras, órgãos públicos e ONGs, tendo feito consultorias para órgãos como UNESCO, PNUD, UNICEF e BID. É membro fundador do Fórum Brasileiro de Segurança Pública.²

"A Síndrome da Rainha Vermelha" apresenta as evidências mais recentes a respeito do crime e da violência. O livro também discorre sobre as relações entre o crime e a juventude e oferece um estudo maçante a respeito da forma como a mídia trata estes fenômenos; discute a ideia de recuperação de condenados por crimes violentos e mostra o novo paradigma oferecido pela Justiça Restaurativa.

Está dividido em 8 capítulos. O primeiro reconstrói a história das polícias no mundo, demonstra as origens do modelo de policiamento que temos no Brasil e faz a crítica deste modelo (modelo reativo), expondo as razões pelas quais o modelo é ineficiente. Neste mesmo capítulo, o autor traz várias pesquisas realizadas em todo o mundo com as evidências daquilo que se sabe que não funciona quanto ao policiamento e com o que pode funcionar.

Na sequência, é examinado pelo autor centralmente dois modelos alternativos de policiamento: o Policiamento Comunitário e o Policiamento Orientado para a Solução de Problemas, também com as pesquisas disponíveis que têm avaliado os resultados destas alternativas. Em seguida, o autor trabalha com as modernas descobertas da criminologia a respeito dos fatores preditivos para o crime a violência (fatores individuais, familiares, e na escola), abordando ainda o tema da prevenção situacional do crime.

Nos capítulos seguintes é discutido as relações entre o crime e a juventude. Onde é explicado porque crime e violência são temas que envolvem e afetam basicamente os jovens em todo o mundo, o que há de artificial na ideia de que existe uma "onda de violência juvenil" e o que há de verdadeiro nisto. Uma visão específica

² <http://www.rolim.com.br/2006/index.php> Acesso em Abril de 2014

sobre o que é a adolescência embasa medidas de prevenção também é discutido o tema do uso de drogas e sua relação com a violência (até que ponto é verdade imaginar que o uso de drogas condiciona comportamentos violentos?) e mostro as evidências científicas disponíveis a respeito do uso de prisão para adolescentes (isto funciona?).

Há também debate sobre as relações entre a Mídia e o Crime. O tema, aqui, é a violência transformada em espetáculo e os resultados destrutivos disto – inclusive para a segurança pública. Além de várias pesquisas sobre o tema e de uma discussão específica sobre a TV e a violência, onde existem algumas passagens de jornais brasileiros que ilustram a maneira irresponsável como grande parte da mídia se relaciona com o tema.

Um assunto também retratado no livro se é possível reabilitar presos com comportamento violento? O que as pesquisas mostram a respeito? Quais as abordagens mais exitosas no mundo? Onde também é apresentado o padrão da Justiça Restaurativa (algo que ainda é desconhecido no Brasil). É possível praticar justiça sem punir?

Por fim, o autor estuda os limites das estatísticas policiais e demonstra porque os dados coletados pelas polícias são imprestáveis para produção de diagnósticos em segurança pública. Também existe uma explicação do autor os recursos alternativos usados no mundo moderno para a produção de diagnósticos eficaz, e apresenta debate sobre como se pode interpretar a redução da taxa de homicídios nos EUA.

No livro, com o conceito de “causas da violência”. Lido com dois outros conceitos: o de “fatores preditivos para o crime e para a violência” e o de “agenciamento”. O primeiro dá conta das condições ou circunstâncias que, comprovadamente, tornam aqueles fenômenos mais prováveis no futuro (por exemplo, abuso sexual, negligência e maus tratos na infância, bullying nas escolas e impulsividade); o segundo, das condições ou circunstâncias que os tornam possíveis imediatamente (como, por exemplo, abuso de álcool, disponibilidade de armas de fogo, oportunidades percebidas como favoráveis e baixas taxas de esclarecimento de

crimes). O livro aprofunda estes dois elementos que são decisivos para a construção de políticas de segurança.

O modelo tradicional de policiamento é um “modelo reativo” pelo qual, a rigor, é preciso que um crime seja cometido e que a polícia seja comunicada deste fato para começar a agir. A ideia de “prevenção” com a qual este modelo trata é a do policiamento ostensivo. O que ocorre, é que alguém posto a cometer um delito não muda de ideia diante da presença policial, muda de lugar.

A Polícia surge de uma necessidade social e evolui desde os povos antigos, surge como instituição na França, que desde o princípio a colocou na situação de servir a objetivos políticos. Diferentemente da Inglaterra, que ao instituir a Polícia quis manter a ideia de um serviço público, com fortes vínculos com a comunidade e sem uso de armas. Até porque muitas das funções desenvolvidas pelas Polícias, na verdade sua grande maioria, não passa pelo uso de força. E apesar de o conceito inglês ser o mais próximo da realidade policial, pois como diz Marcos Rolim no seu livro, citando Goldstein:

[...] longe de lidarem apenas com questões relacionado à criminalidade, os policiais tratam cotidianamente de dezenas de outros problemas. Eles emitem autorizações para eventos e credenciam pessoas; emitem certificados e fazem vistorias; liberam portes de armas; acompanham manifestações públicas; protegem testemunhas e custodiam pessoas em tribunais; atendem solicitações dos mais variados serviços; buscam crianças desaparecidas; localizam objetos perdidos; transportam doentes aos hospitais e, muitas vezes, fazem partos de emergência [...]

Está entre outras tantas atribuições que "sobram" para as polícias. É como se, quando existe algo a ser feito e não há ninguém específico para tal emprego, teremos sempre a polícia que poderá agir. Mas seguindo o modelo francês aqui nos encontramos. Talvez seja possível superar a Síndrome da Rainha Vermelha, tão bem articulada por Rolim, e "Quebrando espelhos, rasgando preconceitos e lugares comum, exorcizando simplificações e reducionismos, driblando dogmas e desinformação, rompendo o imobilismo reflexivo ..." como coloca Luiz Eduardo Soares no prefácio do livro, possamos atingir uma maturidade política achando os caminhos de uma eficiente segurança pública.